



# Gaiato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário • 8 de Fevereiro de 1992 • Ano XLVIII — N.º 1250 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## AUTOCONSTRUÇÃO

# O Autoconstrutor obreiro da Nação

Admiro a coragem de muitos Autoconstrutores. Houvesse mais ajuda da parte oficial, inclusivé libertação de peias burocráticas e nm estímulo entusiástico a quem procura construir a sua casa, e o número de Autoconstrutores aumentaria. A pessoa normal guarda no seu mundo interior um capital, que não são notas de Banco, capaz de realizar o milagre.

Há dias, um pároco das redondezas escreveu aflito, a pedir ajuda para uma família a viver do ordenado mínimo, a quem um incêndio consumiu o barraco onde vivia. Não hesitei em aconselhá-lo a conseguir um terreno, junto de quem o tivesse, e a lançar-se na

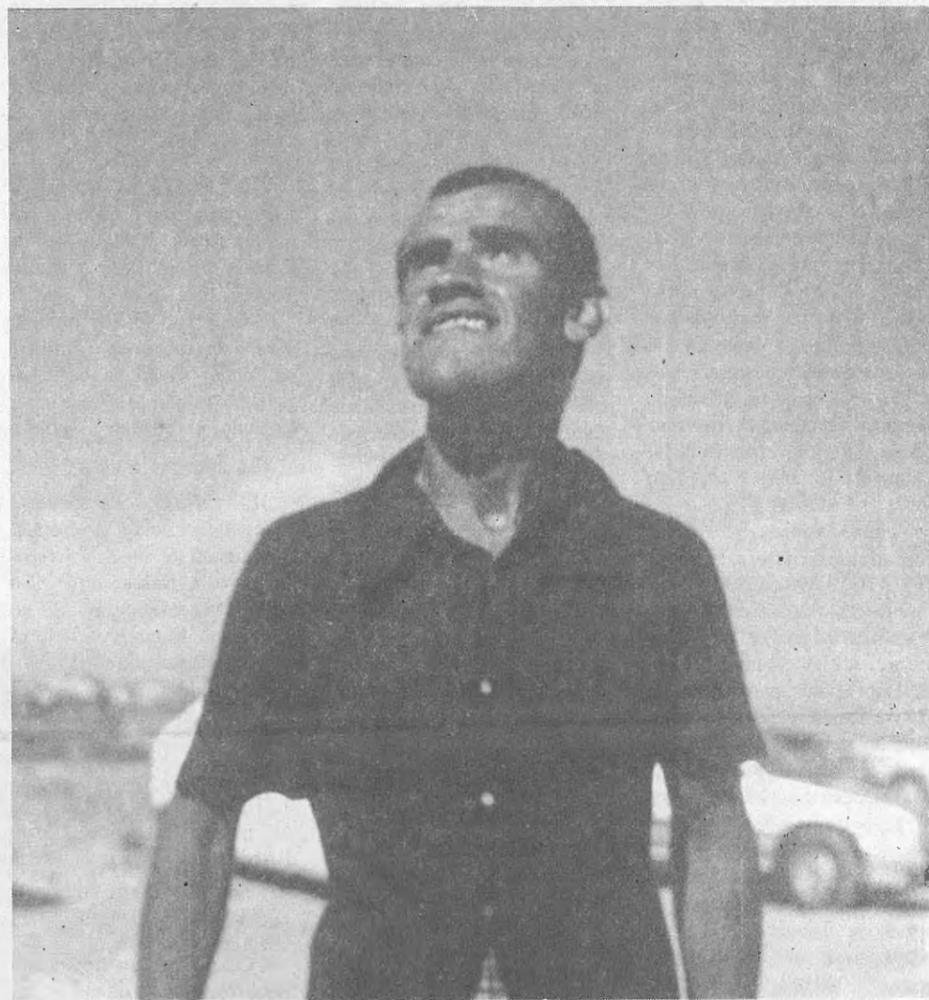
aventura de pôr mãos à obra. As paredes levantadas, prontas para receber a placa e o telhado, eram a hora da nossa ajuda.

Passsei por lá na véspera de Ano Novo. Comigo foi o grupo dos mais pequeninos. Se os grandes necessitam dum lar, os filhos, as crianças, não precisam menos.

A propósito: no sábado de tarde, o Celso veio ter comigo porque tinha um grande problema. Este rapaz foi criado na Casa do Gaiato. Qual a sua aflição? O seu filho com dois anos. Vivem numa Casa que não tem telhado. A humidade, quando chove muito, desce da placa e escorre pelas paredes. Os pais aguentam; mas o filho com dois anos,

não. «Não é por nós; é por causa do nosso filho que temos que arranjar casa», insistiu. Está a pagar à volta de 32.000\$00, pela renda. Vive mais a esposa do salário mínimo. A situação é deveras complicada. Como não levou uma resposta vazia foi-se muito animado, cheio de esperança. Acredito que vai resolver o problema a partir do capital humano que leva dentro de si. Quem dera que em todos os lugares os Autoconstrutores encontrassem respostas animadoras, estimulantes! Mas a burocracia é tamanha a ponto de estrangular as melhores boas vontades, por vezes.

Continua na página 4



José António, do Calvário. O «Sem Nome». Assim aconteceu durante alguns anos!, pois a «a nossa riqueza é aquilo que os outros desprezam».

UM relatório recente da UNICEF, intitulado «Situação Mundial da Infância — 1992», reconhece a falência do monopólio estatal do controle da economia e adverte: Contudo, «as políticas de economia de mercado livre não significam que os governos devam deixar todo o controle sob responsabilidade do mercado. A responsabilidade dos governos, entre outras coisas, garantir investimentos fundamentais nas necessidades humanas — nutrição, cuidados de saúde, água limpa, saneamento básico, educação... e habitação, permitimo-nos acrescentar. E exemplifica com o sucesso em países como o Japão, a Coreia do Sul, o Taiwan, para demonstrar que «gastos sociais em serviços como educação e saúde, são investimentos económicos, que não devem esperar que o país se torne próspero, pois constituem a base sem a qual a prosperidade não será alcançada».

Duas linhas, em suma, garantem o curso de um desenvolvimento estável: «Uma política económica de mercado aberto e a do compromisso governamental de se empenhar no investimento em necessidades humanas».

E o relatório denuncia, na generalidade dos países em desenvolvimento, a quota modesta de investimentos desta espécie, destinados a maiorias pobres, relativamente à utilização da maior parte dos recursos disponíveis ao serviço de uma pequena minoria da população. «Estas distorções nos gastos públicos em favor dos mais ricos, nomeadamente

## NOTAS DO TEMPO

# Relatório da UNICEF

na área da educação, são obstáculo ao desenvolvimento», conforme o testemunho do primeiro-ministro japonês que atribui o desenvolvimento espectacular do seu país à promoção da educação primária que «precedeu a escalada económica e foi feita quando os rendimentos *per capita* eram mais baixos do que os actuais na maioria dos países em desenvolvimento».

E após este testemunho (segundo a breve síntese que me foi dado conhecer) conclui o relatório «Situação Mundial da Infância — 1992»: «O investimento em educação gera dividendos de muitas outras formas — confere a capacidade para continuar aprendendo a partir de inúmeras fontes, na idade adulta; moderniza atitudes e constrói a confiança nas mudanças; estimula uma maior participação na vida política; apoia o processo de substituição do que há de ruim no antigo sistema, pelo que há de bom no novo; desenvolve a consciência de novas ideias e novas opções».

## Dois pontos de reflexão

Dois pontos de reflexão me sugere este relatório, certamente elaborado por técnicos especializados:

1 — O erro da estratégia de, primeiro, se concentrar todo o esforço na criação de riqueza para, depois, se responder às necessidades humanas fundamentais.

É que se o progresso da riqueza não for obra de todo um povo, a realizar por toda a sua porção activa, a riqueza será cada vez maior nas mãos e ao serviço de uma minoria enquanto a maioria «cresce», sim, mas na dependência e na pobreza. Ora para que esta porção activa seja constituída por todos os que, pelo nível etário e capacidade de saúde, devem pertencer-lhe, é preciso que esses desenvolvam todas as outras capacidades necessárias à sua intervenção na vida política e económica da Nação que constituem. Daí

a primaridade da educação e de todos os esforços que promovam a valorização do homem. Senão, temos a sociedade cada vez mais dividida em doutos e iletrados, em ricos e pobres, em senhores e servos — e não aquela sociedade justa e fraterna que se almeja. Este esforço tem de ser suscitado por quem tem poder para o fazer e tem de ser abraçado por todos; e só poderá sê-lo na medida em que, por profundo trabalho de educação, cada homem cresça na consciência da sua dignidade, feita de direitos que se reclamem e de deveres que se cumpram. Não foi de outra maneira, senão por um trabalho inteligentemente aceite e voluntariosamente exercido que o Japão se tornou a potência que é.

Por razões de ordem económica e sociológica, os autores deste relatório chegam a uma conclusão que a Revelação sempre ensinou: O mundo criado por Deus para os homens, para ser deles, para que eles lhe encontrem o sabor da posse, há-de ser constantemente recriado pelos homens. E quando assim é, os homens, na experiência feliz de uma obra que também é sua, descobrirão que nem o mundo é o seu fim, como não é a riqueza a condição exclusiva do seu progresso, do seu bem estar, da sua paz.

2 — A segunda reflexão, afinal, já a enunciei: É a tomada de consciência pelo homem de que ele próprio é o valor maior que há no mundo e o centro em volta do qual

Continua na página 3

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTAS** — Por tradição revelamos aos nossos leitores, no primeiro número d'O GAIATO de Fevereiro, as contas da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, relativas ao ano anterior — após a sua entrega no Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Estávamos a alinhar o pequenino balanço e chega até nós uma velhinha, doente cardiovascular, muito aflita. Vá lá, tem uma vizinha amiga que lhe dá a mão vinte e quatro horas por dia! Perdera o cartão do Centro Nacional de Pensões. «*Eu ando mesmo azarada...*» — comenta. Não sabia que fazer. Actuámos imediatamente. Vinha, aliás, da farmácia. Sufocada! *Ralhámos*. E adianta: «*Não posso parar!*» Fora por remédios que precisa (vimos na Imprensa que brevemente irão encarecer). Saldámos o débito, afirmando ela de lágrimas nos olhos: «*Peço a Deus que vos dê o Céu*». Mulher de fé! O melhor estímulo é a oração desta crucificada.

Vamos a contas: Recebemos dos nossos leitores, pel'O GAIATO, 3.396.630\$00. Distribuímos 854.420\$00 em auxílios domiciliários por 15 Pobres, regularmente. Acamados, viúvas, desempregados, marginais, etc. Não contando os casos pontuais. Surgem a cada passo. Os doentes consumiram 98.050\$00 de medicamentos, melhor diríamos ter pago partes de receitas da Segurança Social. Não há dúvida, os fármacos são um dos maiores encargos para quem precisa de sobreviver, não tendo muitas vezes o pão de cada dia. Partilhámos 230.000\$00 por uma Conferência Vicentina (que ajudámos a nascer) e também pela Casa Ozanam, estrutura que será muito útil à acção específica da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Contribuímos com 150.000\$000 para o Conselho Central, percentagem da Regra, a que ninguém se pode escusar. Aplicámos 69.000\$00 em despesas diversas. Comparticámos 38.627\$50 em material didáctico, e não só, por estudantes carecidos. Vale a pena referir uma mocita que não tarda a acabar o curso liceal. Anda que nem um sino. Motivamo-la para ter juízo até ao fim. Aplicámos, também, 1.313.880\$00 na conservação, reparação ou ampliação de 9 moradias do Património dos Pobres; por 7 Autoconstrutores e em rendas de casas.

Procurámos estar atentos a tudo, a todos, na altura própria, braço-dado aos nossos leitores — único suporte da nossa acção. São inexcusáveis, até na partilha espiritual!

Por último, salientamos a estreita colaboração com as vicentinas da paróquia — a maior do concelho; e vincamos o serviço que prestam a doentes solitárias e acamadas.

**PARTILHA** — Assinante 3107, de Lisboa, põe contas d'O GAIATO em dia e «*se sobrar alguma coisa pode ser para a Con-*

*ferência do Santíssimo Nome de Jesus*». Uma anónima, de Cête, residente no Porto, esteve entre nós e deixou mil escudos. Mais um excedente, da assinante 13440, do Porto. Outra vez Porto, pela mão da assinante 52446 — «*uma velhinha com 92 anos*» — que diz para distribuímos «*a oferta como melhor entenderem*». Vida abençoada! O costume, do Fundão, com «*a mesada actualizada pela inflação deste ano*». Amor aos Pobres! Mais um contributo da assinante 16415, «*pequeníssima migalha para o muito que gostaria de mandar*». Outro cheque, do assinante 32986, do Porto: «*Deixo inteiramente em vossas mãos a aplicação desta importância mas, nesta época, horrorizamo-me pensar no frio que tantos Pobres devem suportar*». Fraternidade cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**OBRAS** — A restauração da casa 1 avança lentamente, pois só temos um pedreiro e trolha com os ajudantes, gaiatos.

Agora, a urgência maior é o balneário: a água quente esgota-se rapidamente. É de crer que o problema seja resolvido, pois está muito frio!

**AGRICULTURA** — Na horta estão já a tratar do cebolo,

dos pimentos e tomateiros que se encontram na estufa. Também se cuida das tronchudas, sementeira de favas e ervilhas.

Na vinha, andam muito atarefados com poda das videiras. E são muitas!

**VIDA MILITAR** — Durante o ano seguirá um pequeno grupo para a tropa: «Cebola», Vítor Centeio, «Bombeiro» e Bento. Tenham boa sorte!

Outro grupo foi dar o nome para o recenseamento militar, na Câmara Municipal de Penafiel: Tozinho, Alexandrinho, Rolando, «Mondego», Nelito e eu.

**DESPORTO** — Parece que a nossa equipa voltou às vitórias!

No dia 9 de Janeiro defrontámos uma formação de Rio Tinto. Vencemos por 9-2. E, no dia 25, um grupo dos arredores do Porto. Resultado final: 11-0, a nosso favor.

Paulo Alexandre («Rambo»)

**SUSPIROS D'ÁFRICA** — As nossas Casas do Gaiato d'África voltaram a ter a alegria desejada da Obra da Rua.

Moçambique é a primeira a ter sinais de vida nova.

A Casa do Gaiato de Moçambique está numa quinta oferecida.

Obras que crescem e vida nova que nasce. Portanto, espera-se muito trabalho e um futuro promissor.

Boa sorte para o nosso Padre José Maria.

# Pelas CASAS DO GAIATO

Há pouquinho tempo o nosso Padre Telmo com a sua comitiva de amigos-trabalhadores partiram para Angola. Destino: a Casa do Gaiato de Malanje.

Temos muita ajuda dos nossos amigos, que colaboraram na compra e doação de muitos materiais que seguiram para Malanje.

Oficinas sem portas, sem janelas e sem máquinas. O trabalho não será pouco!

Casas também sem portas, sem janelas nem camas.

Refeitório sem mesas nem cadeiras. Cozinha que não tem fogão nem panelas.

Agora, com a chegada, tão desejada, do nosso Padre Telmo, essas dificuldades serão ultrapassadas.

Espera-se uma Casa do Gaiato renovada, com muita luz, alegria e muito amor. Como era anteriormente.

Padre Telmo, tão querido de todos nós, esperamos que tenha um bom começo. Boa sorte.

Padre Manuel António partirá para Benguela (Angola), daqui a uns meses.

A Casa do Gaiato de Benguela não está muito deformada, mas falta um acolhimento mais chegado.

O nosso Padre Manuel António prepara as coisas necessárias e acolhedoras para levar. Esta será a última Casa do Gaiato a ser reaberta. Espera-se uma chegada muito feliz e tão desejada das crianças de Benguela.

Fica aqui a felicidade de todos nós, pela reabertura das

Casas do Gaiato em África. Boa sorte.

Lupricínio

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Parte da casa já está pronta, mas nem toda.

Inaugurámos as obras e fizemos a festa na sexta-feira.

Abateram-se três leitões para a ceia. A malta comeu, bebeu e foi uma festa feliz.

No sábado, recolhemo-nos na casa nova e todos queriam saber quais eram as suas camas.

No fim da merenda, o chefe marcou-as. Está linda! Tem uma vista maravilhosa!

Agora, chegou a vez de ser arranjada a casa-mãe.

**ESCOLA** — Começou o segundo período escolar. Os nossos rapazes precisam de estudar para serem alguém no mundo. Alguns, no período anterior, não aproveitaram muito bem. Desejamos que entrem com o pé direito nesta fase da vida.

**CATEQUESE** — Começou o segundo período de Catequese. Os rapazes aprendem a ser realistas com Deus.

Esperamos que se dêem bem com as catequistas.

**GADO** — A nossa cabra deu à luz dois cabritinhos muito giro. Um é macho e o outro é fêmea. A cabrita chama-se «negrinha» e o cabrito «gordito».

As vacas continuam a dar bom leite. Os vitelos estão muito crescidos, muito grandes.

Frederico

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — O vinho! Mais uma vez ele!!!

Um dos nossos casais, que saiu do famigerado casarão, foi realojado num dos bairros camarários periféricos.

Nestas colunas exultámos, há algum tempo atrás, com as mudanças verificadas naquela família: casa limpa, alegria estampada nos rostos, projectos risonhos da vida futura, aplicação ao trabalho do chefe de família, etc. Tudo isto resultou do facto de o chefe de família ter deixado de beber. Tudo isto nos comoveu e nos animou.

Mas tudo regrediu!

O chefe de família «portou-se bem», passe a expressão, enquanto não fez novas amizades no meio. O seu local de convívio transferiu-se da casa de família para as tabernas mais próximas e o resultado está à vista. Deixou de trabalhar e passou a alcoolizar-se quase todos os dias.

O mal substituiu o bem!

Mais uma vez com paciência, mas com realismo, vamos tentar o retorno ao caminho certo desta família.

Consegui-lo-emos? Só Deus sabe. Mas tentar é o nosso dever e vamos fazê-lo!

**O QUE NOS DERAM:** —

Assinante 26.935, 5.000\$00; JRD, do aumento de reforma, 2.000\$00; assinante 32.969, 10.000\$00; Ribeira de Pena, 500\$00; Anónimo, de Ermesinde, 10.000\$00; O. Marques, do Porto, 10.000\$00; A. Sousa, 5.000\$00; da rua do Marquês de Sá da Bandeira, 2.250\$00; assinante 14237, 2.000\$00; 5.000\$00 mais roupas, de António, de Lisboa; anónimos, 30.000\$00 mais 5.000\$00; de Rio Tinto, 10.000\$00 para auxiliar uma viúva com filhos pequenos; de Braga, 1.000\$00; mais 2.000\$00 para a mãe com o filho preso; da nossa querida amiga, da Holanda, 7.000\$00; de Oeiras, 10.000\$00, mais 8.000\$00, mais 500\$00; assinante 13.329, um cheque; Alice, 2.000\$00.

Um vicentino

## CARTA

«Chegaram carinhosas mensagens que me fizeram bem.

Mensagens que me dizem que ainda há homens bons.

Homens a dizerem que nem só de pão vivemos.

Mensagens a mostrarem que nem só a dar esmolas se faz Caridade.

A vossa Caridade, queridos Amigos, não é para pagar-se, é para agradecer.

Eu não tenho moedas de ouro.

As minhas moedas são a gratidão.

É, meus queridos Amigos, é com a minha gratidão que quero pagar toda a vossa Amizade.

Assinante 8120»



MIRANDA DO CORVO — A «nova» casa está linda. Tem uma vista maravilhosa!

NA ciência da vida só há um Mestre, Jesus Cristo — o mais são todos irmãos, escreveu Alguém que viveu a minha vida.

É a ciência do Mestre que dita as regras e nelas se confrontam as leis dos homens e as da vida. As leis da vida aviltam tantas vezes, mais que as leis escritas. Estas deviam orientar aquelas, pois, por vezes, vemo-nos esmagados.

Vem isto a propósito da minha aflição posta no jornal acerca dos sem-casa. Ela tem agitado muito gente. As cartas de apoio e incitamento são às dezenas, quase sempre acompanhadas de pequenas ajudas.

M. M., do Porto, que sempre comungou das minhas angústias e partilhou mensalmente o seu dinheiro, expressa-se assim: «Quanto à insistência dos seus artigos acerca do juro injusto da Caixa Geral de Depósitos, nunca as mãos lhe doam! É mesmo importante insistir até «sacudir» os responsáveis por tamanha iniquidade».

O plano em que me coloco para assim escrever é o daqueles que nada têm, nem querem ter, para serem a voz dos sem nada. É o daqueles que são explorados ou já foram. É o daqueles que são filhos das vítimas de uma sociedade que os degrada e continua a degradar. É o daqueles que eu julgo poderem chamar-se os mais desfavorecidos e têm direito, como todos, a um lugar ao sol.

Os juros são iníquos porque lhes falta a virtude da equidade. Sem equidade não há justiça social. Por esta virtude da justiça, os que nada têm ou possuem pouco devem ser mais ajudados pela comunidade toda. Não são os mais ricos porque se julgam ter direito ao pleno gozo dos seus rendimentos, a multiplicarem os seus lucros, e os mais pobres não têm acesso a uma casa digna porque não comportam os juros do dinheiro emprestado ou nem sequer têm acesso a ele.

Uma justiça sem equidade não é justiça. É uma iniquidade. O senhor Padre Manuel António, director d'O GAIATO, adverte-me em carta amiga: «Houve uma reacção muito negativa da parte dos bancários em geral, aqui na zona, pelo que me disse um funcionário bancário. Contestam não tanto o que escreves, mas porque não corresponde à verdade no que concerne à parte que vai sublinhada (O GAIATO n.º 1247 de 28/12/91): «A um reformado dum Banco que sai com a quantia de uma reforma por inteiro, a lei permite que ele faça para habitação um empréstimo com juros de dez por cento. A um desgraçado que nada tem, senão a força dos seus braços e a energia da sua inteligência mais a pressão das suas necessidades, a lei impõe juros pesadíssimos.

Um reformado dum Banco auferiu ordenados acima da média. Tem naturalmente uma boa casa para viver e

## SETÚBAL

não vai constituir família».

Eu nada tenho contra estes funcionários. Nem contra os seus ordenados ou regalias. Nada. Antes pelo contrário. O GAIATO é distribuído em quase todas as agências bancárias de Setúbal. Os rapazes são carinhosamente acolhidos e o jornal é lido e apreciado. Alguns transferem mesmo do seu ordenado um pequeno dízimo para a nossa conta. Noutras, todos os meses se faz uma quete para a Casa do Gaiato. Onde temos conta, os ditos amigos apontam-nos sempre as melhores vantagens para valorizar o pequeno movimento. Só tenho a dizer bem dos referidos senhores.

Foi um reformado do Banco de Portugal que, confessando a sua situação, me veio propor construir uma casa para um gaiato, fazendo ele o empréstimo. O que rejeitei para não faltar à verdade com ninguém.

Isto é a realidade toda, que não tem nada de indignação.

Outro, não reformado, conseguiu da Caixa Geral de Depósitos, onde trabalha, empréstimo a nove e meio por cento para a sua vivenda. Ora eu acho muito bem que os Bancos favoreçam os seus trabalhadores. Não fazem mais que o seu dever. E estes, assim privilegiados, devem repartir com os mais pobres os seus bens.

Não defendo que toda a habitação deva gozar de juros baixos. Não senhor. Mas sim as dos mais pobres. Estes deviam, pelo menos, ter acesso ao empréstimo a juros deste nível. Todos ganharíamos. O Governo, para ser coerente, pode muito bem fazê-lo através da Caixa Geral de Depósitos. É uma excepção ao chamado regime geral de crédito. Mas os Pobres precisam desta excepção que, em nome da Constituição e da social-democracia, é mais que justa.

O resto que escrevi n'O GAIATO n.º 1247, e sublinhado pelo senhor Padre Manuel António, é tão evidente que não precisa de mais comentários. Ele sabe bem das dificuldades dos Gaiatos e dos Pobres.

«Aos bancários em geral da sua zona» devo ainda dizer que o jornal *O Setubalense* publicou, em artigo de fundo, quase tudo o que escrevi com o título «O Padre Acílio põe o dedo na ferida», comentando favoravelmente o grito dos Pobres e já ao mesmo assunto se referiu várias vezes, citando O GAIATO.

Mais a voz de um Pobre. É de Coruche: «Ao ler n'O GAIATO artigos de V. sobre a habitação não posso deixar de o elogiar e apoiar, num assunto tão importante e de tanta necessidade. Desde que vim de Angola, em 75, muito tenho lutado por uma casinha para viver, até que, ao fim de 12 anos, consegui com o empréstimo da Caixa. Comecei

por pagar 7 contos por mês e, passados 5 anos, estou a pagar quase 23. Agora, com os aumentos, todos os anos, não sei como vai ser. O que mais me preocupa é a situação dos meus 3 filhos entre os 24 e os 28 anos. O mais velho tentou comprar um andar bastante usado. Depois de se dirigir à Caixa e esperar alguns meses, dizem que não lhe é concedido o empréstimo, visto ser casado e o rendimento deles não dar para isso. O do meio está na mesma situação e o mais novo acabou por se juntar com a namorada e abalar para Inglaterra.

Há Câmaras que constroem e vendem terrenos, mais em conta, para os de menores recursos, mas aqui nada se faz. Venderam-se vários terrenos, mas só em leilão que só os ricos e bem ricos podem comprar, pois já venderam talhões a 5 e 6 mil contos e mais. Sim, eu acho que deve ir ao Governo pedir e insistir não só para os Gaiatos mas também para os mais pobres sem ordenados certos e dignos».

Outras cartas ficarão à espera de vez, que não devo abusar do espaço.

Padre Acílio

## Moçambique

SÃO dez da noite de domingo. Um dia sempre alegre para os rapazes. De manhã tivemos a Missa na povoação e, pela primeira vez, cantaram sozinhos. Ainda antes de começar, foram cantando o que têm aprendido. Só que o nosso mais pequenino chama-se *Milagre* e não gosta de um cântico que diz: «Oh que milagre tão bonito fez nosso Senhor Jesus Cristo...» E hoje o milagre acontece todos os dias... Ora o *Milagre* deu a reclamar já nos ensaios; e, como todos sabem da aversão, alguém sorriu olhando para ele que não hesitou em pegar numa pedra. Foi preciso intervir de imediato. Escusado dizer que passou o dia aborrecido em casa, enquanto os outros foram à cidade em passeio.

### Cadeia da violência em nítida relação com a fome e todo o cortejo de misérias

Neste momento estão seis a dormir nas esteiras, à minha frente. Descontraídos e embrulhados cada um no seu lençol. Nem é preciso mais roupa nesta época do ano. Reparo que o *Sacrifício* estremece de vez em quando e vai com as mãos ao peito e pescoço. Serão lombrias que ainda não desapareceram totalmente, ou é o subconsciente activo durante o sono, a reclamar atitude de defesa. Há dias, um maior da rua esbofetou um pequeno por não lhe dar dinheiro. Foi bem à minha beira e esse pequeno falava comigo. A cadeia da violência vai-se delineando no meu espírito, em nítida relação com a fome e todo o cortejo de miséria da mais negra à mais doirada. Como pôde um país inteiro mergulhar em tal situação! As mortes para roubar são do quotidiano. As agressões, mais frequentes ainda. Aqueles mesmos que a guerra prepara para a agressão e defesa estão sendo mártires da fome e algozes da própria população. Com a seca que dizimou por aqui tudo quanto o povo havia plantado, não sei o que nos espera.

Em Março vão arrancar os Projectos Integrados com um financiamento de mais de centena de milhão de dólares do Governo Italiano. Vão contemplar as povoações vizinhas com vários empreendimentos hidro-eléctricos de Moçambique, infraestruturas de saúde, escola e irrigação, afastando de vez o espectro da fome e dando condições básicas para um verdadeiro desenvolvimento económico.

Mas vai permanecer unia legião de velhos e mutilados incapacitados para qualquer trabalho. Na povoação de Massaca 1 são oitenta e três. Fizemos uma reunião com todos. Que será que Deus nos pede mais? O que for, é. Impossível será recusar-nos. Assim haja ajuda. De Deus temos a certeza.

Padre José Maria

## Tribuna de Coimbra

### Casas do Gaiato d'África

Quero partilhar com os Amigos a alegria que senti ao saber do contentamento de Padre Telmo a receber a carrinha nova, em Luanda, quando lá chegou. Ia preocupado, também, com transporte de Luanda para Malanje. Fê-lo naquela estrada longa e esburacada, na carrinha nova que lhe oferecemos, como publicou neste jornal. Também este é motivo de alegria para todos nós.

Juntámos os cinco mil contos com muitas mãos dadas, de longe e de perto. Estou a ver aquele oficial vir a nossa Casa entregar cem mil para a Casa de Malanje que ele ajudou, como comandante militar. Estou a ler a carta que veio do Fundão, com cinquenta, a dar graças a Deus por poder ajudar, agora, as Casas de África. Estou a ver entrar suas ofertas. Estou a sentir a satisfação daquele casal a entregar dez. Estou a assinar o cheque

que veio de Pombal para as Casas de Moçambique e Angola. Estou a ouvir todos aqueles que entregaram com esta intenção explícita.

Com certeza que todos os Amigos já deram conta de que as nossas Casas têm consciência das filhas que estão a renascer em ambientes de muitas carências. Em todas procuramos juntar o que podemos para lhes acudir.

Vamos dar uma volta por essas terras portuguesas, de longe e de perto, a partilhar a nossa alegria com todos os que deram a mão. Temos diante de nós a agenda de 1991 e a de 1992. Começamos por Amiga, de Lisboa, com cinquenta. Saltamos à Figueira da Foz, a Condeixa, a S. João da Madeira e à Sertã. Damos um pulo a Leiria e ajudamos a Amiga a levar quarenta. Mais um pulo a Coimbra. Regressamos a Casa a receber dois, mais quatro, mais um e quinhentos, mais dois, mais três, mais cinco, mais cinco, mais dez, de sacerdote; mais dois, mais cinco, mais dois, mais vinte, mais três, mais dez e roupas; mais dois, mais cinco, de casal; mais dois, mais dez de sacerdote polaco; mais cinco e três de mãe e filha; e outra vez com quinze e ainda outra vez com quinze e sete e meio; mais vinte, mais vinte, mais cinco; e mais e mais e mais.

Recebemos no nosso Lar de Coimbra tudo o que lá foram levar: roupas, bolos, frutas, sobejos de festas e muitas cartas.

Fomos duas vezes à Casa do Castelo e trouxemos um grande monte de cartas, algumas pesadas. Passámos também pela lojinha do Fernando que entregou tudo o que deixaram para nós.

O correio trouxe cartas de Mira, várias vezes; da Mealhada, também; de Tomar, igualmente; de Cabaços, de Soure, da Figueira da Foz, de Figueiró dos Vinhos, da Lousã, de Alcorochel, de Braga, de Pereira do Campo, de Meãs do Campo, de Feres, de Castelo Viegas, de S. Jorge, de Condeixa, de Portalegre, de Aveiro, da Sertã, de V. N. de Ourém, de Lobazes, de Anadia, de Penacova, de Carrazeda de Ansiães, de Portimão, de Castanheira de Pera, de S. João do Campo, de Unhais da Serra, de Castelo Branco, de Torres Novas, de Odivelas, de Amadora, de Penela, de Portalegre, de Mação, de Proença-a-Nova, de Santa Cita, de Elvas, do Paião, de Cernache, de Grândola, de Mortágua, de V. N. de Poiares, de Carcavelos, de Vila do Touro, de S. Caetano, de Abrantes, de Arganil, de Chão de Lamas, de Sobreira Formosa, de S. João da Pesqueira, de Souzela, dos Moinhos, de Friúmes, de Brasfemes, de Nisa, de Granja do Ulmeiro, de Avanca, de Semide, de Can-

tanhede, da Tocha, de Cascais, de Viseu, da Póvoa de Varzim, de Vilar Formoso, de Cardigos, de Santarém.

Fui várias vezes à minha aldeia buscar carradas. Fui à Secretaria das Agências Funerárias de Coimbra buscar cento e vinte. Catequistas e crianças de Semide vieram trazer o que receberam na campanha de Natal. Muitas, muitas presenças de Coimbra. Todos conseguimos pagar a carrinha nova que transportou Padre Telmo e Júlio Silva de Luanda para Malanje. Bendito seja Deus!

Padre Horácio

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

gravitam todos os outros valores criados. Por isso que o homem se não deixe embriagar por eles e não ponha neles o seu coração, que este, sim, é o seu verdadeiro tesouro. Que o necessário a cada dia, alimentando o exercício quotidiano da justiça distributiva, seja a riqueza cobiçada por cada um.

É tão raro quem assim pense e sinta e proceda em conformidade! Por isso este fim de semana foi para mim ocasião de grande regozijo, ao visitar a filha de um Amigo que já partiu, na casinha que o Pai lhe deu, ao lado de outras iguais que são de seus irmãos. Ali ela me recordou a proclamação de uma alma livre ao evocar a fórmula da posse que o Pai usara ao entregar-lhes as casas: «Agora que vos dei este bem, o resto é para ajudar outros».

E logo a seguir, a viúva de outro grande Amigo que, chegada a oportunidade de se desfazer de um bem que circunstâncias de tempo e de lugar sobrevalorizaram, depois de repartir pelos cinco filhos o que era justo, me chamou e partiu grossa fatia da sua parte, «agora que vocês regressam a essa África tão pobre... E não agradeçam porque eu fui apenas a depositária de um bem que não me pertence».

Eis os sábios e os felizes neste mundo que nos foi dado para passarmos e merecermos! Se esta fosse a regra comum a todos os homens, não era problema a «Situação Mundial da Infância — 1992» nem o futuro dela seria preocupação para quem quer que fosse, mesmo a UNICEF que, decerto, nem existiria.

Padre Carlos

# Autoconstrução

Continuação da página 1

## A burocracia estragula as melhores boas vontades

Ao Estado não compete fazer tudo. Estaria fora do seu lugar, se assim o entendesse. Deve, sim estimular com sinais concretos, verdadeiramente eficazes, libertadores, as pessoas que põem a render todas as suas capacidades. É um problema técnico, que só será resolvido com técnicos que tenham coração.

O Autoconstrutor é um autêntico obreiro da Nação.

Por isso, deve ser acolhido com muito carinho. Quanto mais pobre, mais carinho. Mal vai para governantes e governados quando os grandes assuntos da vida, a habitação é dos primeiros, não são tratados com humanidade!

Voltemos ao princípio. Fui dar com a casa levantada, pronta para receber o telhado, os filhos contentes, os pais felizes. Mais um empurrão para a frente e para a Páscoa, se Deus quiser e os homens ajudarem, passarão o dia da grande Festa no seu novo lar. Os que vivem em casas fofas não têm mais alegria se não gozarem com

este acto de justiça, aquecido pela caridade verdadeira, educadora da gente sem posses materiais, mas ricas de generosidade. Esta é um aguilhão que desperta os adormecidos.

## Um padre do Novo Testamento

Outro caso: Um padre do Novo Testamento lançou um movimento na zona onde trabalha, não contente com a cama aconchegada onde dorme sossegado. Antes vive preocupado com os que não têm onde pôr a sua, mesmo que seja uma enxerga. O padre tem tudo o que precisa, mas vive necessitado com as necessidades dos que o rodeiam. Por isso, põe o seu capital humano e divino que não lhe foi dado só para si mas para render ao serviço dos Outros. Sente que não será nunca padre completo nem tão pouco testemunha, com autoridade para anunciar o Reino de Deus, enquanto não se gastar a dar o seu

coração e as suas mãos aos que o procuram. Por isso, lançou um movimento que estimula e congrega pessoas com marca semelhante, a fim de construir casas para os que vivem em barracos.

Escreveu a perguntar se a Obra da Rua estava disposta a ajudar ao telhado de sete moradias. Ele não imagina a alegria que nos dá ao fazer esta proposta! Amanhã, assim o espero, receberá a carta com o cheque para o telhado e, mais ainda, para o estimular a continuar com trabalho tão importante. Este é o lugar do Património dos Pobres. Não rouba espaço a ninguém. Comunica esperança. Transmite confiança. Anima os esforçados e comprometidos. Educa pela prática da Justiça e da Caridade. Estes são valores que a Igreja guarda no seu tesouro não para ganhar farragem mas para se afirmarem como testemunhas de que o Amor de Deus não é uma palavra sem significado. Os Pobres são, e hão-de ser, a oportunidade da Revelação da presença de Deus Pai que se preocupa com os verdadeiros problemas de Seus filhos. Este é o Deus da nossa Fé. Não acreditamos noutra.

Padre Manuel António

# ENCONTROS

EM LISBOA

## Pobreza

ENCONTRO-ME em frente de um papel em branco, querendo escrever sobre a pobreza. S. Francisco chamou-lhe irmã e eu não sei como lhe hei-de chamar. Sei que me tem dado grande alegria. Revejo o que a tradição nos transmitiu sobre o «pobre de Assis» e fico impressionado. Aprecio a liberdade interior daquele homem e tenho dificuldade em perceber bem o alcance do seu empenhamento responsável no meio da sociedade do seu tempo. Olho o seu beijo no leproso e o despojamento de tudo na praça da sua cidade, acolhendo-se de seguida à custódia da Igreja. Abraça o que toda a gente rejeita — o leproso; rejeita o que toda a gente abraça — os bens e a segurança que eles pressupõem dar.

Há dias, alguém me disse que o que eu escrevia era pobrezinho. Faltava doutrina. Aqui está uma das coisas da minha vida: nem um bom sermão sei fazer. Vivo a vida que Deus me vai dando, sem mais. Graças a Deus, esta vida é tão cheia de outras vidas que nem me apercebo que não faço doutrina. Fui participar, no tempo disponível, numa semana de pastoral sobre a pobreza. Fiquei a saber que havia pobreza teológicas e antropológicas, verticais e horizontais, opcionais e determinísticas. Fiquei sem saber bem como classificar a minha. Passa por coisas simples como isto: Hoje, chegou o João Daniel, dez anos feitos e todos cheios de sofrimento e de noites ao relento. Na sua orelha esquerda luzia um bonito brinco. Gastei um bom bocado do meu tempo a falar com ele sobre o brinco. Acedeu tirá-lo. Eu estava com receio do gozo dos outros e não o queria ver sofrer por causa disso. Gosto que ele guarde as energias para outras lutas em que o brinco já não seja preciso para se impor na nossa sociedade. Eis, um padre a gastar o seu tempo com estas coisas! Por aqui passou o primeiro assumir do João. Responsabilizei-me por ele e não suporto a ideia de o ver sofrer mais de forma gratuita e estúpida.

Será isto pobreza? O programa diocesano de pastoral da Igreja de Lisboa faz a seguinte doutrina: «Ser pobre é viver, em tudo, na dependência de Deus. A virtude da pobreza é um fruto e uma concretização da caridade. O desafio pastoral que ela nos coloca é o da formação dos cristãos e das comunidades na linha da disponibilidade de tudo o que se é e se tem para a realização da missão da Igreja e crescimento do Reino de Deus».

## — E eu, que posso fazer?

Viver diariamente o «se Deus quiser» do nosso povo sentindo a fragilidade das nossas realizações e acções, num compromisso responsável e solidário com aqueles que caminham connosco, sobretudo os mais frágeis, eis por onde passa a minha pobreza. Não sei teorizar isto. Sei que me dói ver, às dez da manhã, arrumadores de carros no Terreiro do Paço, todos com idades inferiores a 15 anos, sem escola, sem higiene, sem educação, recebendo as esmolas dos senhores que não se importam de nada com a forma como esse dinheiro vai ser gasto: ruína para a vida futura desses moços. Dói-me ver o alijar de responsabilidades quando se atira sabiamente para o Estado ou a Igreja: — Eles que resolvam. Nunca nos perguntamos: — E eu, que posso fazer?

É tranquilizante rezar diante de deuses que não aborrecem, sobretudo se são de pau, pedra ou de talha dourada! Acontece, porém, que Deus enviou o Seu Filho, Este encarnou e assim assumiu a fragilidade humana. Deus tornou-Se pobre e é a partir desta pobreza que nos salva. Se às vezes olhássemos para os nossos limites e fragilidades talvez nos tornássemos um pouco mais solidários e capazes de compreender. Capazes de assumir as nossas responsabilidades solidárias. Quantas crianças se sentiriam amadas, quantos doentes o consolo, quantos idosos a companhia!

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocóp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Janeiro: 73.150 exemplares.

## DOCTRINA



...como as obras de Deus são conduzidas e amparadas.

VENHO hoje dar a público a nota dos dinheiros recebidos na roda do ano findo e dizer que se nos outros me tenho calado não é por fazer caixinha, mas sim porque somente desde aquela data resolvi registar para que conste. As contas, porém, mais severas, mais rigorosas, de maior responsabilidade, são seguramente aquelas que a mim mesmo tenho de dar. Pelas que agora se prestam, fica o mundo a saber quanto se recebeu; não sabe nem saberá jamais como, quanto e a quem se entregou — estas são as *minhas contas*.

Os milhares de escudos foram em parte distribuídos na forma de esmola vicentina, em casa do Pobre; e se às vezes calha, à hora da visita, dar com outras visitas, também essas ignoram o como e o quanto, discretamente deixado em lugar escuro, fora das vistas do mundo — é esmola vicentina.

A esmola da rua é de todas a mais fácil de dar e a mais inconveniente. Faz-se ordinariamente com ela um mal sob as aparências de um bem!

A fauna da pedincha profissional é exuberante e criadora nos meios que emprega a pedir. O caso mais original que tenho topado na minha lida dos Pobres, é o de uma velha que mendiga nas ruas de Coimbra, debaixo de um molho de carqueja. Ela não aprende, nem oferece nem vende; ajoujada e sob o fardo, procura grupos de homens (não pede a senhoras) e uma vez na presença deles, muito velhinha, muito carregada, de tal sorte geme o seu pedir que não há ninguém que lhe resista. Não procura a Baixa nem as ruas pobres, onde melhor se vende aquela mercadoria; escolhe de preferência os bairros de elite, clima favorável ao seu negócio. Evidentemente que, diante e na presença de ratoeira tão bem armada, quem não cai na cilada da mulher, vai cair mais além na opinião dos mirones: «Olha o grande desalmado que não faz caso da mulher!»

Tem por vezes sucedido passar este criado de vocalências ao pé de casas em construção, homens nos caibros e nos telhados, e vir de cima o fim do mundo, num «olha o raio do padre que nega a esmola à velhinha; ai, bom feixe às costas dele e bom chicote detrás!»

A gente ouve e prossegue, que, se paramos a discutir, perdemos com isso o melhor Bem do mundo — a paz. E se o perdemos para nós, como havemos de o dar aos mais?

O mundo não tem capacidade de julgar acertadamente; estes ditos e falatórios são leis da ignorância das coisas. Os obreiros do Evangelho compreendem, sabem mais e melhor e seguem o trilho do Calvário por onde o Mestre passou.

*O. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

# Cantinho das Senhoras

## O meu objectivo na vida

Quero dizer a todos os leitores a minha vinda para a Casa do Gaiato. É com muita alegria que o estou a fazer. Logo no primeiro dia senti-me atraída pelo novo mundo que encontrei. Não há dúvida, aqui trabalha-se por amor para todas estas crianças e jovens que precisam de ser amados como todos os filhos. De cá, de Paço de Sousa, senti-me impressionada e tudo me cativou mais...

Não quero ter medo porque o Pai está aqui a nosso lado para nos ajudar. Penso: o que falta a estes rapazes e crianças são pessoas que lhes dêem muito carinho. É por isso que vim. Não estava realizada como eu pensava. Agora, julgo ter encontrado o meu objectivo na vida! Dar-me aos Outros, principalmente à Obra da Rua. É aqui que precisam de mim.

Estimado leitor e leitora, se és jovem e não sabes o que

fazer da tua vida, pensa e faz uma opção pessoal. Serás feliz diante dos homens e de Deus.

Despeço-me com muita amizade e ofereço este poema:

*O segredo é amar... Amar a vida. Com tudo o que há de bom e mau em nós...*

*Amar a hora breve e apetecida, Ouvir todos os sons em cada voz E ver todos os céus em cada olhar...*

*Amar por mil razões...*

*Amar, só por amar, Com os nervos, o sangue, o coração...*

*Viver em cada instante a Eternidade,*

*E ver na própria sombra, claridade.*

*O segredo é amar, mas amar com prazer,*

*Sem limites, sem linha de horizonte...*

*Amar a vida, a morte, o amor!*

*Beber em cada fonte,*

*Florir em cada flor;*

*Nascer em cada ninho,*

*Servir a terra inteira com amor...*

Fátima Braga